

eFênix

Consciência ambiental é um lance social

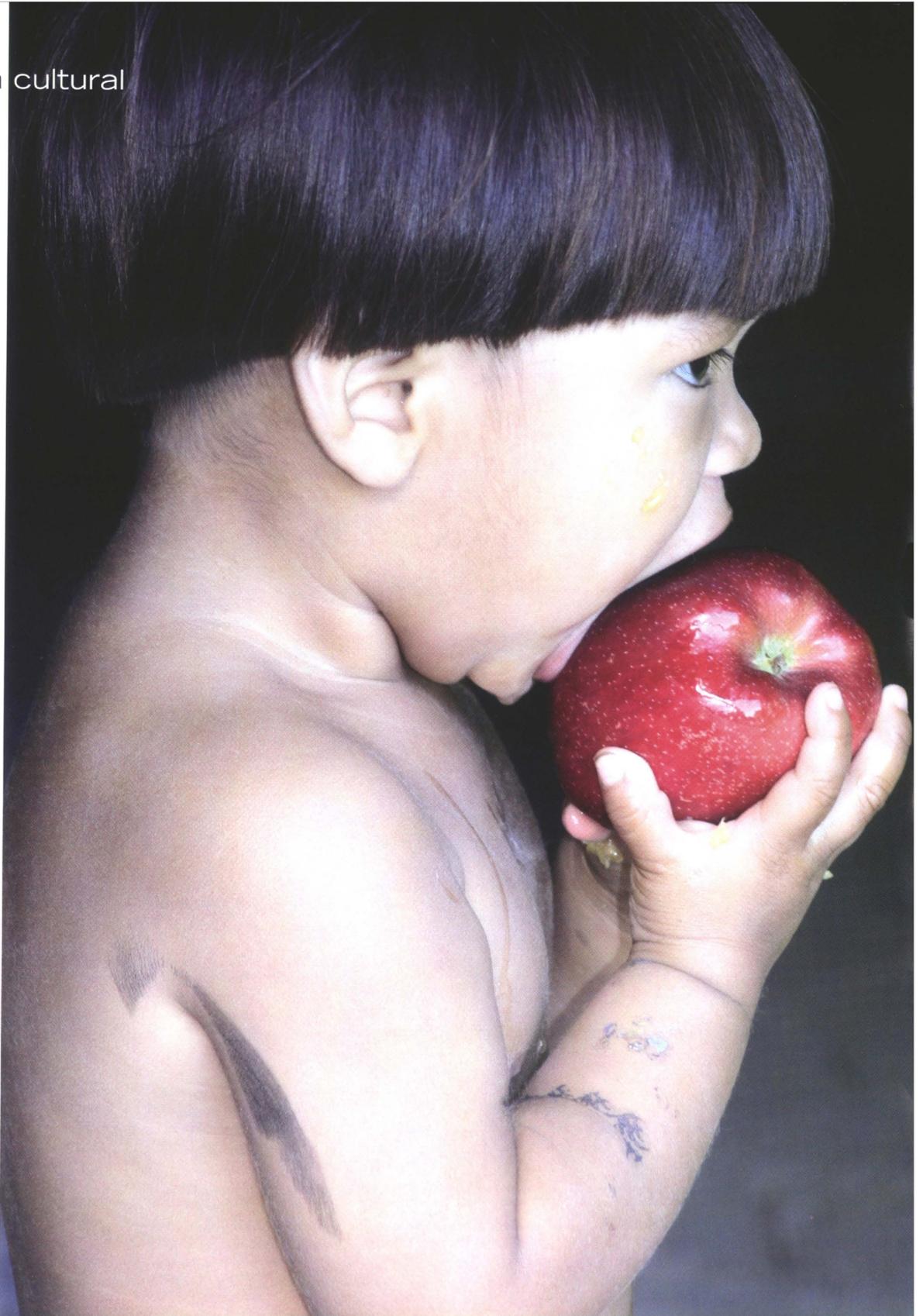
Indian Look by Nara Osga

ALERTA GLOBAL O Mundo sem H₂O

PERSONA Lady Di, Princesa do Povo **DESIGN** Linhas recicladas de Etel Carmona e Carlos Motta **MODA** Bijoux do Pantanal conquistam o mundo **GASTRONOMIA** Sabores orgânicos do Clube Chocolate **TURISMO SELVAGEM** Mordomia na Selva **ENERGIA** As motos ecológicas estão chegando **INDIOS DO BRASIL** Príncipes das Florestas



herança cultural



Príncipe das Florestas

Em artigo exclusivo, nosso cientista florestal prevê que, no futuro, a biodiversidade cultural indígena deverá estabelecer uma aliança entre o conhecimento tradicional e a moderna biotecnologia

Por Mario Christian Meyer (*)
Fotos Priscila Olandim

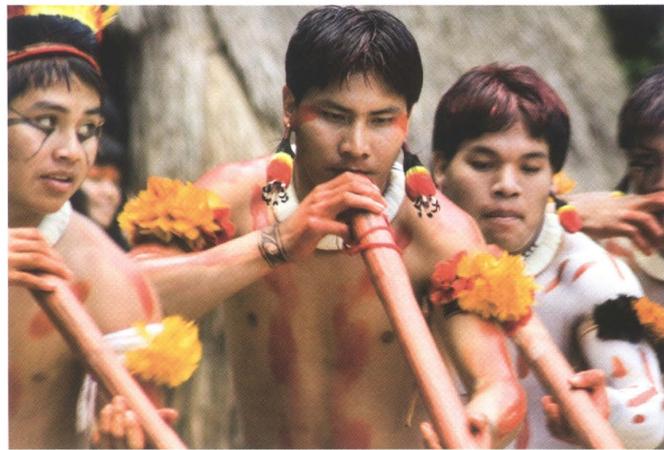
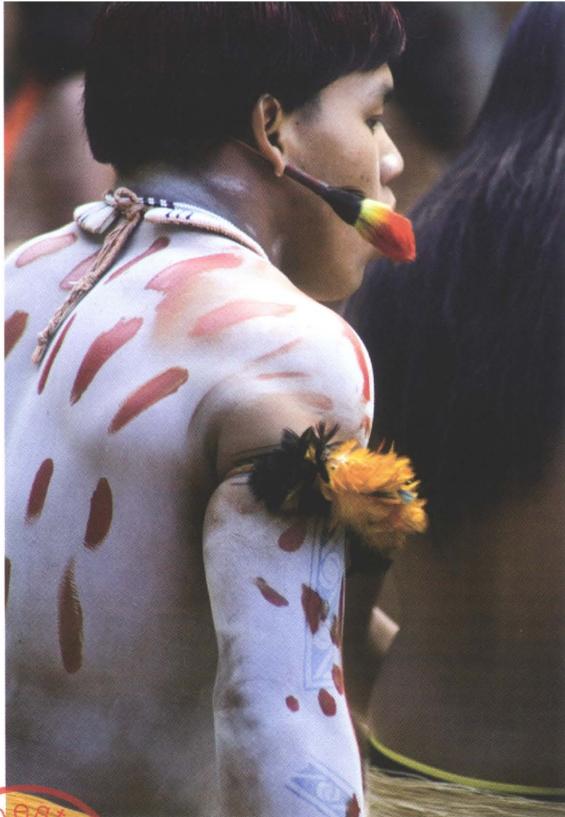
Por mais de 15 anos procuramos encontrar a forma mais pragmática de salvaguardar e valorizar a rica biodiversidade amazônica e atlântica e o que resta do valioso conhecimento indígena brasileiro ameaçado de extinção. Como resultado destes esforços, concluímos que a forma mais viável de preservar essas riquezas únicas do planeta, oferecendo ao mesmo tempo condições dignas de existência a essas populações nativas da floresta, consiste em criar uma aliança inovadora e revolucionária entre os conhecimentos tradicionais e as biotecnologias. O primeiro representa o passo inicial, in situ, do conhecimento ancestral – empírico – dos recursos genéticos da floresta. O segundo, porque constitui o instrumento ideal que o mundo moderno desenvolveu para valorizar a biodiversidade. Hoje, o modelo está disponível e devemos tirar proveito disto.

Mas, como o índio poderá utilizar uma biotecnologia para criar bioprodutos? Muitos se perguntam: será o índio capaz de utilizar uma biotecnologia? Da resposta do homem branco (sua confiança) a esta pergunta crucial dependerá em grande parte o sucesso da preservação e da exploração racional da biodiversidade amazônica e atlântica. Temos constatado nos últimos anos, e principalmente nesta última missão, que muitas autoridades políticas e empresariais de alto porte, com quem tive inúmeras e veementes discussões e que certamente se reconhecerão na leitura deste artigo, têm um conhecimento parcial da realidade indígena e consideram que os índios já perderam o conhecimento que tinham da natureza, das plantas medicinais. Muitos dos que estão lendo estas linhas pensam da mesma forma. Torna-se assim vital pontuar!

É verdade que a maioria dos índios que se encontra nas proximidades das cidades já está áculturada e que, face ao poder da cultura dominante, não estão mais em condições de “exercer” a sua identidade índia. Fazendo uma análise rápida e obrigatoriamente incompleta, é verdade que muitas pessoas acreditam que os índios só sobrevivem graças à FUNAI, e que muitos outros crêem que, se não fosse o “paternalismo” de algumas ONGs, eles já teriam desaparecidos. Porém, é fundamental lembrar que os índios, antes da chegada dos conquistadores, já viviam aqui há pelo menos onze mil anos (desde a era paleolítica superior). E sobreviveram, por milênios, sem a ajuda de quem quer que seja. Hoje, estima-se que 10% dos cerca de 358 mil índios do Brasil ainda vive sem contato com o homem branco e em perfeita harmonia com a natureza, mantendo a integridade de seus conhecimentos tradicionais. São apontados como índios isolados. É um caso único no mundo! Os índios isolados podem ainda merecer a denominação de “Príncipes da Floresta”. As comunidades indígenas que mantêm um alto grau de preservação psico-cultural têm por vocação tornarem-se os “Guardiões da Biodiversidade” no contexto da PNB - Política Nacional de Biodiversidade, e poderão aspirar a manter a denominação de “Doutores da Natureza” (não há espaço aqui para citarmos o inventário que fizemos de todas as contribuições do índio à ciência, como a crepitina, pilocarpina, quinina, tubocurarina, emitina, captopril...ou à indústria, como o látex da hévea...).

Para tanto, é necessário que atuem rapidamente, pois o contato com o homem branco (e não com o pior representante da nossa espécie, tipo madeireiros ilegais, garimpeiros com mercúrio etc...) é inexorável! Neste sentido, tudo indica que a única forma de preservar o que resta da inestimável cultura indígena, face à poderosa civilização branca, consiste em fornecer ao índio os instrumentos da tecnologia moderna que servirão de escudo protetor ao mesmo tempo em que propiciarão a possibilidade de exercer uma função digna na sociedade contemporânea. Em troca, o seu saber enriquecerá certos aspectos da biotecnologia e ele se tornará mestre em alguns tipos de bioprodutos que correspondem aos anseios e demandas da era moderna. Esses bioprodutos terão, pelas nossas parcerias com centros de excelência tecnológicos e com organizações como a UNESCO, um selo de qualidade, de respeito à propriedade intelectual e de partilha eqüitativa dos benefícios. Para efetivar esse intercâmbio e a bioprodução pelo índio, criamos uma metodologia prática denominada Cogni Índios, que associa práticas da mitologia indígena relacionadas à biodiversidade com determinados processos da biotecnologia. Analisamos assim a perfeita correspondência que existe, por exemplo, entre o mito indígena “O Timbó e a Origem da Água” e a biotecnologia que desenvolvemos, PAT (Plantes à Traire = Planta a ordenhar) ou “Milking Plant Technology”. Os índios já produziram uma espécie de biotecnologia empírica aplicada às plantas medicinais, bem antes que esta palavra existisse.





As comunidades indígenas, que mantêm um alto grau de preservação psico-cultural, têm por vocação tornarem-se os "Guardiões da Biodiversidade" no contexto da PNB - Política Nacional de Biodiversidade

RESGATE CULTURAL

Os Índios, com a sua singularidade, têm respostas para os impasses em que o homem atual (hiper-moderno, hiper-especializado, hiper-produtivo) se encontra com relação à proteção da natureza: o futuro do nosso planeta. Uma das vertentes do projeto que deve ser ressaltada é a importância do resgate da identidade psico-cultural do índio no mundo, sua cultura e subjetividade muitas vezes anulada pelos homens brancos. Esse resgate poderá servir de modelo identificatório aos índios aculturados, para que possam reencontrar a nobreza do seu passado. Na perspectiva do desenvolvimento sustentável, esta magia da natureza tem um valor mercadológico poderoso numa das áreas de maior desenvolvimento na economia atual, o Etno-ecoturismo, que será o primeiro nicho privilegiado para o escoamento dos primeiros bio-produtos elaborados pelas comunidades locais com a nova biotecnologia em questão.

Atualmente, contando com os esforços do Instituto Nacional Politécnico de Lorraine – França, conseguimos, ao longo dos três últimos anos e levando-se em conta as características cognitivas dos índios, adaptar uma biotecnologia que nos permite formar um grupo de índios selecionados que pode assegurar a aplicação

desse novo procedimento biotecnológico até a fase de produção de extratos vegetais semi-purificados, com alto valor agregado... Trata-se da PAT - Milking Plant Technology.

Assim, pela primeira vez na história, um procedimento prático irá permitir que empresários e comunidades florestais falem a mesma linguagem e tenham o mesmo objetivo: produzir resultados econômicos – e sociais – preservando a natureza. O benefício ficará em grande parte no Brasil. Esta nova biotecnologia constitui a alternativa ideal para valorizarmos o que há de mais precioso nas nossas florestas: os recursos genéticos e os conhecimentos tradicionais associados. 

(*) O autor é presidente do PISAD (Programa Internacional de Salvaguarda da Amazônia, Mata Atlântica e Ameríndios para o Desenvolvimento Sustentável), com sede em Paris, em parceria institucional e financeira com a UNESCO – Programa "Amerindian Communication and Sustainable Economic Development Programme for a Culture of Peace". É também professor convidado junto à Universités de Paris – Sorbonne, e membro titular da Société de Médecine de Paris.